

# A LINGUAGEM DE LEILA

ANA MARIA MAGALHÃES

*Pois os problemas filosóficos nascem quando  
a linguagem entra em férias.*

Wittgenstein

Leila Diniz é uma expressão nítida das funções da linguagem. Nela a verdade transcendeu os limites do próprio ser para alcançar variados níveis de emprego da linguagem, numa busca incessante de elaboração das proposições que deviam mas não podiam ser reveladas. Esta contradição entre tempo e verdade é a responsável pela multiplicidade dos jogos de linguagem a que Leila recorreu.

Mas estes jogos nem sempre são constituídos de palavras. O uso do palavrão - ou a linguagem desimpedida, como quer Drummond - é o primeiro signo fisionômico, a provocação de um jogo que tem por regra não ter regras. E também a aparência de uma linguagem estruturada pelo equilíbrio entre o sentimento e a expressão - o sentido vem depois, antecedendo o que viria a ser. O inesperado equilíbrio é a semente da espontaneidade. Ele caracteriza o comportamento de Leila, que foi mais um jogo de linguagem que usou para se fazer compreender pelo Outro.

O nível de linguagem mais íntimo realiza-se entre ela e sua imagem. O dia em que, ao separar-se de uma união, prostrou-se diante do espelho "Eu sou Leila Diniz" precede o seu sucesso. No esplendor da beleza, o exuberante Narciso se diz: "Ainda caber-me-á com o hoje!". Na última noite em sua casa, antes da viagem na qual se despediu da passagem marcante, lá está Leila a chorar diante de sua imagem refletida: "tem muita coisa ruim saindo de dentro de mim...".

Nada que pertence à natureza humana lhe é estranho. Esta compreensão orienta o sentido de sua linguagem, principalmente em relação aos amigos. Longe da rigidez, sem afastar-se do rigor - um rigor aberto como o seu riso -, a linguagem de Leila é a chave que abre o coração de cada pessoa a quem dedicou sua amizade. Porque situava-se na geografia do entendi-

mento. Pois tudo podia ser revelado, porque nada a surpreendia. Todas as questões que surgem na relação humana são verdadeiras e, por isso, abordadas, ainda que delicadamente, estabelecendo um contínuo movimento entre estas relações. A arte de ser sem esconder o ser - outra vez Drummond - estimula o exercício de uma linguagem que não **entra em férias**, característica que sublinha a profundidade do afeto que dedicou aos amigos. E por isso ela foi tão amada por eles. Com cada um criou um código de linguagem próprio. Esta singularidade teceu a expansão de suas conquistas e, paradoxalmente, a sua pluralidade. Para os amigos Leila foi única e muitas.

Em relação ao desejo, sua sedução insinuava-se entre o olhar e a pele. Estes são os dois sentidos que comandam o seu jogo de linguagem do prazer. Nesta questão, embora fosse absolutamente intensa, questionou, em alguns momentos, o fato de não estabelecer uma relação amorosa duradoura. Talvez fossem os momentos de solidão, aqueles que se fazem presentes nas ausências do Outro. Ao mesmo tempo, olhando uma placa, afixada na entrada de um hospital público, que correspondia a uma faixa pintada na rua, comentava que tinha vontade de colocar aquele código de trânsito, na porta do seu quarto:

SÓ ENTRE NO  
  
SE PUDER SAIR

Esteve sempre disposta ao amor. Possuía o gosto de arriscar. Sem medo de amar, Leila escreveu, numa de suas últimas cartas, que "o mais legal da vida é essa de amor, afeto, carinho. Tem que estar aberto que pinta isso tudo de uma maneira linda. Sempre nova e com maior encanto". Este encanto, que Leila exerceu com sabedoria, foi a linguagem que ela encontrou para transmitir às pessoas que elas deveriam continuar amando sempre e muito, como disse John Lennon numa de suas últimas entrevistas. Ambos - ela no início dos 70, ele no início dos 80 - tentaram evitar o desencanto que, em tempos futuros, o ser humano provaria.

Com as mulheres Leila estabeleceu a linguagem da cumplicidade. As afinidades afirmam-se cedendo a resistência das diferenças. A ausência de ciúmes é ignorante da competição e Leila inicia as mulheres, através do jogo da cumplicidade, no convívio com as suas semelhanças. O que irá refletir na linguagem entre as diferenças. Entre 'uns' e 'outros'. Ao se fazer reconhecer como uma semelhante, Leila desarma gregas e troianas. Com ternura inaugura costumes, rompe valores e abre caminho para que toda uma geração de mulheres prossiga na busca da verdade, da autonomia e da felicidade. Saltou da cumplicidade para a utopia.

Desde a personagem da vedete, até a barriga preta exposta pelas praias e pela mídia, seu corpo é uma seta de linguagem atirada em múltiplas direções. Comunica-se com os atores no sentido de explorar a tradição do teatro de revista, onde o corpo aparece como elemento virtual. Mas sua melhor tradução para a linguagem do corpo é transmutar o mito corporal da

gestação em gesto expressionista. Por outro lado, desmistifica a “vida de artista”, amamentando a filha no camarim, vestida com plumas de vedete, o que também é um signo de recusa da alienação entre arte e vida. No plano cinematográfico, Leila cria uma linguagem autóctone para representar a mulher brasileira, afastada de conceitos e preconceitos: terna e sacana. Ela descreve o arco do prazer da representação com um jogo lúdico de linguagem, segundo as regras da gramática do corpo.

A linguagem que Leila usou para se comunicar com o público não estava em conformidade com o sistema de referência de que este dispunha para interpretá-la. A escolha de estabelecer novas regras de linguagem com a platéia, através da imprensa escrita e falada, traz a idéia de transformação não apenas da forma, mas do conteúdo da linguagem. Esta proposição renovadora, porém, não é promíscua e nem leva a atos de violência, mas a um novo acordo que pode ser estabelecido entre o artista e o público e, sobretudo, entre as pessoas de modo geral. E o público a recebeu tão bem que Leila chegou a ser a atriz mais popular do Brasil, mesmo afastada da TV. Porém a interpretação pública não é determinante do significado que imprimiu à sua linguagem.

A reação do sistema a este inconformismo não tardou a se manifestar. Prisão preventiva decretada, as portas profissionais se fecharam. Ao entrar no prédio da Polícia Federal, cujas varandas estendiam-se sobre a Praça XV e a Baía de Guanabara, não se conteve e comentou com seus truculentos interlocutores: “Mas que bela vista vocês têm aqui!” Depois de prestar depoimento foi obrigada a assinar um documento afirmando que não diria mais palavras. A essência de sua linguagem não foi esta, mas a assinatura do documento coroou a impressão de que estava sendo mortalmente ferida. A linguagem que Leila encontrou para responder a este ataque foi o silêncio.

Talvez o recolhimento a tenha remetido a um velho sonho, o da maternidade. A linguagem torna-se exuberante, a natureza exaltada. Leila erotiza a mulher grávida e incentiva o aleitamento materno, amamentando nas capas de revistas. Ainda assim a maternidade tem uma importância pessoal maior do que a que revela ao público. Além do imenso amor que dedicou a sua filha, a maternidade mergulhou Leila em si mesma. À flor da pele, bebeu na fonte do auto-conhecimento, às portas do Nirvana.

Emergiu do êxtase para cair na real. Não havia trabalho para Leila Diniz. Sentiu o gosto amargo da solidão. E talvez também um grande desamparo. Alcançou a consciência da própria inconsciência. “Não sei se foi loucura ou coragem minha, mas sempre me expus muito. Acho que isso é que ainda sustenta essa coisa engraçada chamada mito.” Não previu que o seu comportamento era sujeito de definições e objeto de juízos. O vazio foi o que coube na forma da dor. A linguagem **entrou em férias**. Leila lutou para afirmar-se mas não conseguiu elaborar novas proposições, pois não podia afastar-se da verdade nem que fosse para vivê-la pelo avesso.

Muitas vezes, quando paro num sinal, me lembro da Leila. Na virada dos 70 iniciava-se, nas paradas dos sinais de trânsito, o doloroso comércio

alternativo, que hoje brota ferozmente do asfalto. Leila dizia que tinha vontade de comprar uma de cada e pendurar no pára-brisa do carro. Para dizer que não queria comprar nada. Não sei como seria ela hoje. Eu a vejo sábia, conservando a imensa alegria e o afeto em seu coração. Como ela estaria expressando sua existência, eu não sei. O que entendo é que ela exprimiu através dos jogos de linguagem a essência da sua vida. E só lhe foi possível viver enquanto pôde expressar-se através deles.

A consciência das funções da linguagem incluiu Leila entre os arquétipos do nosso inconsciente coletivo. Ela assimilou de tal forma a cultura do tempo/espaço em que viveu, que acabou se convertendo em um signo dessa mesma cultura. Através da linguagem simples e direta, Leila conquistou o poder de ser associada à espontaneidade, à alegria, à plenitude da entrega amorosa. Gentil sinuosidade das curvas de uma mulher a caminho do mar. Sol, samba, circo. O trapézio da Janaína. Seus pés dançando num baile de Carnaval. O samba no pé também é a presença da Leila.

A linguagem, como manifestação de nossa presença no mundo, nasce com a vida e por isso é eterna. As **férias** da linguagem são o sinal de interrupção da comunicação de nossa existência. Uma espécie de alarme. A existência da Leila foi generosamente compartilhada pelo uso que fez da linguagem. Ao soar o alarme, retirou-se de cena. Seu verbo havia se esgotado: antes de tudo, a celebração da vida.